

A ILUSTRAÇÃO: O ILUSTRADOR LEITOR

Maria Luiza Calim de Carvalho

ABSTRACT

Darcy Penteadó's illustrations for Status magazine- 25 Brazilian short stories, 1976, and his speech about reading and the merit of to be offering an image attached to a literary text, was the generator element for this search. Was sought the trajectory of reading of the reader Darcy Penteadó to find out the relations between the short story and the illustration and between the short story and the master pieces, which the illustrator made cuts and retired fragments to compose his illustrations. The construction process of the illustrations was mapped trough the anchorages points between text and illustration and trough the permanence between all illustrations that denounces a trace of stile and innovation. The illustrator creative process is labeled by the intertextuality. Besides the illustration works of the plastic artist Darcy Penteadó had been ransomed, this research contributes with one more view about the reading of images attached to texts, concerning the reader viewpoint and his trajectory of reading.



Em nossa dissertação de Mestrado, intitulada A Ilustração- Um processo Intertextual, iniciamos a pesquisa texto/imagem. A partir de uma ilustração de Darcy Penteadó para o conto “Três Coroas de Autran Dourado”, publicada na “Revista Status” Especial de Literatura, 1976, levantamos questões como: o primeiro contato do leitor com a revista, sua capa, organização e as possibilidades do leitor adentrá-la; as questões que o leitor contemporâneo tem a resolver diante da relatividade do olhar, da simultaneidade e a polissemia do mundo atual; a forma, no correr da história, como as populações tiveram acesso à alfabetização, à leitura e à escrita bem como a democratização da leitura a partir de Gutenberg; às descobertas eletromagnéticas que recriaram o espaço simultâneo e transformaram o modo de olhar que a cultura alfabética nos legou; a relação Arte/Ideologia envolvendo o contexto histórico do momento da produção e as atualizações necessárias efetuadas pelo leitor para apreensão da significação; o processo de leitura, seu trajeto partindo da fruição/compreensão, interpretação e aplicação baseada na Estética da Recepção; e o olhar

necessário do leitor para adquirir competência comunicativa

Além dessas questões não terem sido esgotadas, no correr da produção da dissertação, outras inquietantes questões foram levantadas. O próprio ilustrador Darcy Penteado, em texto para a revista, comenta o processo de produção das ilustrações e questiona a validade da Imagem junto ao texto. Teme o ilustrador que o fornecimento de imagens ao leitor em suas ilustrações possa perturbar a “imagística” do leitor. Eis então o problema: A interferência da ilustração na significação do texto escrito é o dilema do leitor: Qual texto ler? Uma leitura dialógica?

Uma série de hipóteses iniciais foi ordenada para averiguação:

- Sendo a ilustração um segundo texto, uma segunda visão, o leitor sofre a contaminação da interpretação do ilustrador, ou o leitor funde os dois textos (escrito e ilustração) e interpreta-os simultaneamente alterando a significação caso o texto escrito fosse apreendido sem imagem, ou, ainda, o leitor separa claramente o texto escrito da imagem produzida pelo ilustrador.

Outras hipóteses seriam: o leitor entende imagem produzida a partir de um texto escrito como tradução (entre códigos), sendo sentido de tradução, interpretação e não cópia. A imagem, por ser direta, opera, no leitor, uma interpretação *a priori* do texto a ser lido, e essa interpretação *a priori* dirige o leitor e altera o efeito estético da obra a ser lida, ou a ilustração sendo uma interpretação, portanto, um segundo texto, cria um diálogo com o primeiro (o verbal), ampliando as possibilidades de uma leitura mais ampla por parte do leitor. Também, as imagens, subliminarmente ou não, trazem conceitos ideológicos e culturais embutidos e o leitor deve ter repertório e olhar agudo para identificar manipulações.

Muitas dessas questões, por certo, não são definitivamente respondidas, por razões claras: Como aferir o processo de leitura? Como identificar o que influenciou primeiro para essa ou aquela interpretação? As dificuldades, que de início já nos defrontamos, marcam uma trajetória em terreno de difícil acesso, porém, fértil e de paisagens deslumbrantes. O deslumbramento que nos instiga a continuar sempre seguindo trilhas já, por outros, percorridas, para, quem sabe, vislumbrar uma direção e abrir uma picada.

Diante da dificuldade dada já de início, traçou-se um percurso, o percurso da produção das ilustrações. O ilustrador é, antes de tudo, um leitor e sua ilustração dá visibilidade à sua interpretação. As ilustrações são a materialização da interpretação do leitor Darcy Penteado.

Os caminhos, supostamente trilhados pelo leitor/ilustrador para a produção da imagem, apresentam-se como uma possibilidade de percurso para o leitor da revista instaurar o significado da ilustração.

O *corpus* da pesquisa: imagens e textos, ilustrações e contos literários, encontram-se publicadas em uma edição especial de uma revista, meio de comunicação de massa, que pressupõe que o leitor disponha de um tempo para sorver, com calma, o seu conteúdo.

Também, a forma do objeto a ser lido dirige o sentido que o leitor pode dar àquilo que lê. O suporte, a organização do conjunto de um livro, uma revista, um quadro, afetam a apreensão do significado:

Ler um artigo em um banco de dados eletrônico, sem saber nada da revista na qual fui publicado, nem dos artigos que o acompanham, e ler o mesmo artigo no número da revista na qual apareceu, não é a mesma experiência. O sentido que o leitor constrói no segundo caso, depende de elementos que não estão presentes no próprio artigo, mas que dependem do conjunto de textos reunidos em um mesmo número e do projeto intelectual e editorial da revista ou do jornal (CHARTIER, 1998,p.128).

A experiência do leitor, ao folhear a “Revista Status”, obviamente não poderá ser aqui transposta, entretanto, informações sobre a revista, seu tempo de produção, seu público alvo, pode mediar essa ausência do contato com a materialidade do objeto, suas páginas, a textura do papel, a qualidade da diagramação, enfim, o prazer do toque que uma produção editorial de qual idade proporciona ao leitor.

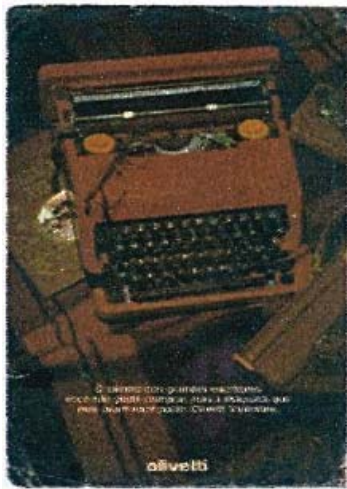
Revista, segundo o verbete do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, é “publicação periódica em que se divulgam artigos originais, reportagens, etc., sobre vários temas, ou, ainda que se divulgam, condensados, trabalhos sobre assuntos variados já aparecidos em livros e noutras publicações”. Veículo de comunicação de massa, apresenta-se de formas variadas, visando sempre um público-alvo específico. Existem as revistas específicas para áreas profissionais, as acadêmicas, as literárias, as de entretenimento, etc. Em sua materialidade, normalmente são impressas em papel de diversas qualidades, com trabalho gráfico variado, levando-se em consideração o público-alvo, seu poder aquisitivo, seus gostos e preferências. O tamanho também é determinado pelos mesmos critérios. Essa materialidade é alterada com o advento da internet e o surgimento das revistas digitais, porém mudou o meio mas a construção tradicional ainda permanece. As revistas devem ser atrativas ao leitor, suas capas devem seduzi-lo para querer-ler, querer-comprar. As imagens junto a textos são a matéria de que são feitas as revistas. Texto e imagem compõem esse universo midiático em que se insere a revista o *corpus* da tese que apresentamos foi extraído da “Revista Status” - especial de literatura - 25 Contos Brasileiros, publicada em 1976.

São ilustrações de Darcy Penteado para contos de autores brasileiros, ilustrações e contos que serão apresentados logo mais. A “Revista Status” era urna publicação voltada ao público masculino, com fotos eróticas e artigos sobre assuntos variados. Apresentou, em 1976, a edição especial de literatura com vinte e cinco contos brasileiros e convidou para ilustrá-los o artista plástico Darcy Penteado. Um ano antes, a revista havia publicado com enorme sucesso um número especial com Vinte Contos Latino-americanos, dentre os quais sete brasileiros, o que teria incentivado os editores a acreditarem no lançamento da publicação de contos brasileiros. Gilberto Mansur, em texto de abertura da revista intitulada O Status da nossa Literatura, expressa a sua crença na qualidade de nossa literatura e na sede dos leitores por textos, apesar do contexto em que esse leitor vivia.

“O leitor brasileiro - apesar da falta de tempo e do aumento do custo de vida te cada vez mais e melhor. E o escritor brasileiro - embora, como diz o poeta, “o pão seja pouco e a liberdade pequena” - escreve cada vez mais e melhor. Status que, em dois anos de vida, nunca duvidou da capacidade de escolha de seus leitores e sempre acreditou no trabalho de nossos escritores, tem participado ativamente do atual processo de “renascimento» da literatura brasileira Escritores novos ou velhos, inéditos ou consagrados estão normalmente em qualquer número da revista com depoimentos, contos, ensaios, críticas, notícias (MANSUR, Status, 1976, p.S)”.

O contexto político, no período da publicação da “Revista Status” - especial de literatura Vinte e Cinco Contos Brasileiros, não era animador para produtores e editores. Não havia liberdade de expressão e a Censura fazia a triagem de tudo que circulava pelo país. A produção cultural brasileira era cerceada por todos os lados. Vivia-se uma situação fechada, limitadora e autoritária - a ditadura militar. Porém, como se pode perceber pela fala otimista de Gilberto Mansur, - “E o escritor brasileiro - embora, como diz o poeta, ‘o pão seja pouco e a liberdade pequena’ - escreve cada vez mais e melhor,” - o homem se torna mais criativo e versátil diante dos obstáculos. Foi um período de obras ambíguas, onde o leitor bem repertoriado era capaz de extrair nas entrelinhas do texto, a significação que subvertia. Esse leitor competente, que a revista Status ... nunca duvidou da capacidade de escolha ...”, é o público-alvo dessa publicação, enunciado no título da revista, a palavra que sugere uma elite, uma qualidade diferencial de seus leitores.

Algumas revistas têm por objetivo informar sobre os acontecimentos recentes com reportagens sobre política, esportes, gente, etc, outras para proporcionar lazer como quadrinhos, fotonovelas, fofocas sobre a vida de famosos, etc, outras, ainda, para orientar ações como: aplicar seu dinheiro, decorar sua casa, e todas elas com o propósito comum de vender produtos de seus anunciantes. Qual o propósito da “Status”, nesse número especial? Publicidade só aparece na contra-capa e na parte interna e externa da capa final, ou seja, apenas três publicidades direcionadas para o universo de seus leitores. A primeira, na contra-capa é a publicidade de uma máquina de escrever, a foto de uma máquina vermelha, com óculos de aro metálico apoiado nela, livros com capa de couro, relógio e mala executiva de couro acompanhada da frase: “O talento dos grandes escritores você não pode comprar, mas a máquina que eles usam você pode: Olivetti Valentine”; a segunda publicidade, da parte interna da capa final, apresenta uma foto de um homem elegantemente vestido, sentado em um sofá de modo descontraído e confortável, com um aparelho de som ligado (evidente pelas luzes do *dial* ligadas), em uma sala com lareira, tapetes, quadros, e a frase “Qualidade: a exigência das pessoas experientes. Polyvox”; a terceira, na capa final, uma foto de um avião Concorde decolando e, ao primeiro plano, as passagens, passaporte e dois maços de cigarro, um de caixinha e outro do modelo longo, acompanhada da frase: “Pall Mall. Em todo o mundo o cigarro de 1a. Classe.”.



A descrição das três publicidades se justifica para reafirmar o tipo de público-alvo que a revista buscava tanto as imagens como os textos indiciam que a revista era para um público seleta, intelectual, de bom gosto e abastado. Não há uma só publicidade dentro da revista e isso é algo importante a frisar. Voltando, então a pergunta formulada a pouco, qual o propósito de Status - especial de literatura?

Dar prazer ao leitor com textos de qualidade, dar espaço aos escritores em tempos tão difíceis, oferecer um diferencial a um público seleta, poderiam ser estas as respostas, mas acreditamos que o objetivo principal era desenvolver o olhar crítico do leitor, que em tempos de ditadura militar, precisava aguçar os sentidos para instaurar significados implícitos tanto nos textos como nas imagens a ele oferecidas.

São esses textos e imagens que compõem o *corpus*, e que serão trabalhados a fim de encontrar respostas para o problema da legibilidade da imagem e visibilidade que emana do texto verbal, e a trajetória do leitor Darcy Penteado como leitor dos contos e produtor das ilustrações. E o leitor da revista frente ao texto imagético de Penteado e aos contos, qual a sua trajetória diante dessa comunicação sincrética interlinguagem verbal e visual?

Para tratar da visibilidade do texto, encontrar os caminhos do leitor Darcy Penteado, que antes de produtor da ilustração, foi leitor do texto verbal, trilhou, examinaremos como Darcy Penteado leu e construiu as ilustrações. No primeiro momento a ilustração evidenciará o tipo de leitura que foi instaurada por Penteado. Como o ilustrador entra em diálogo com outros textos imagéticos, recortando fragmentos para compor suas ilustrações, precisamos, no segundo momento, encontrar as relações, os pontos de convergência que Penteado vislumbra entre a obra selecionada e recortada e o conto.

Foi dito, poucas linhas acima, que texto e imagem são a matéria de que são feitas as revistas; de certa forma responderia a pergunta que nos espinha: Por que as ilustrações? O próprio Darcy Penteado em espaço da revista para uma breve biografia dos contistas, do ilustrador e do chargista, lança mão de seu espaço e fala do processo de criação das imagens e articula algumas reflexões sobre a imagem junto

a um texto e sobre a atividade de leitura.

A meu ver, a ilustração de um texto literário representa, quando junto a ele, a sua parte supérflua. Deve parecer estranho que eu, um ilustrador, esteja dizendo isto, mas a finalidade primeira da imagem desenhada com base num texto é fazer o 'bloco' literário parecer menos massudo ao leitor. Ela deve ser um convite à leitura e não a imposição da imagem que ele, o leitor, deva obrigatoriamente visualizar ao ler o texto (PENTEADO, Status, 1976,p. 2).

A imagem, quando junto ao texto é a parte supérflua? A questão dos limites das duas linguagens, o verbal e o não-verbal, da existência ou não de uma hierarquia, de suas especificidades são investigadas a partir do olhar do próprio ilustrador, que com seu texto no início da revista, levanta polêmicas perguntas e esboça algumas respostas, além de descrever o processo de criação das imagens que compõem o *corpus*.

Ao descrever o processo de produção das imagens Darcy Penteado aponta caminhos ao leitor: pesquisar, fazer o caminho inverso que ele trilhou, para , então, encontrar as relações por ele efetuadas para instaurar o significado. O leitor para concretizar a leitura deve, então, buscar os textos que emergem da imagem produzida pelo ilustrador. Penteado é explícito em sua fala sobre a abordagem antropofágica que efetua para ilustrar os contos:

Por sua vez, o leitor ganhou uma edição especial de Status diferente de tudo o que já se fez até agora no gênero, porque ilustrada por grandes nomes da pintura, como Da Vinci, Goussier, Picasso, Matisse, Gora, Redon, Klee, Manet, Beardsley, Miró, Modigliani, Klint e vários outros, atrás dos quais se colocou este montador de imagens que assina Darcy Penteado (PENTEADO,Status, I 976,p. 13).

A assinatura, tanto de Darcy como a do pintor cuja obra foi recortada, indicia caminhos ao leitor, como também, o título do conto e, claro, o próprio conto fornece modos de aproximação do leitor ao texto imagético. Porém, a fala do artista sobre sua obra proporciona a possibilidade de se pensar no processo de construção, perceber as camadas que se sobrepõem para compor o objeto e vislumbrar, quem sabe, com mais clareza a ideologia da qual é originária

Uma questão que espeta nossos sentidos é por que Darcy Penteado, para criar suas ilustrações, lança mão de fragmentos de obras de arte? Novamente o próprio ilustrador explica:

... mais que um simples trabalho gráfico, a incumbência que Status me deu significou uma pesquisa E pesquisa importante, porque com ela me testei por inteiro. Testei a minha versatilidade ao usar os inúmeros processos gráficos que aprendi em mais de trinta anos de vida profissional; a minha habilidade, eliminando a monotonia que adviria de um mesmo estilo pré-estabelecido; idem., a minha sedimentação de cultura (ou informação), na escolha dos artistas em que me baseei; e ainda a minha sensibilidade emocional, juntando aos contistas os pintores que, a meu ver, afinam com eles às suas místicas e imagísticas (PENTEADO, Status, 1976, p.13).

Essa afinação de que fala Darcy Penteado é a que o leitor da “Revista Status, frente à ilustração e ao conto, necessita encontrar, através da legibilidade da imagem e da visibilidade do texto instaurar o significado que extrapola seus limites. Assim como o ilustrador, conforme disse, testou sua habilidade, sua sedimentação de cultura e sua sensibilidade emocional, o leitor, para encontrar as relações e as afinações”, necessita também se lançar à pesquisa, a um mergulho nesse mar de sernas e construir a rede de significações.

Um texto verbal, quando ilustrado, apresenta duas visões de mundo, de estilo, de forma.

O leitor precisa perceber essas visões de mundo dos autores, tanto do texto verbal quanto do imagético, e deve, também, dialogar com sua própria visão.

O leitor deve perceber a questão do tempo/espço entre produção e leitura. Hans Robert Jauss (1980), diz que para se levantar que tipo de compreensão, de interpretação e de aplicação é própria a um texto de caráter estético, é preciso reconstruir o contexto histórico, da intenção primitiva do autor ou da obra. O autor diz que convém destacar os horizontes de uma primeira leitura - a atividade da percepção estética- de uma segunda leitura que constitui uma exegese retrospectiva e acrescentar uma terceira leitura histórica, para aparecer o texto no horizonte de sua alteridade e de sua semelhança em relação a nossa experiência atual.

A interação texto-leitor, abordada por Wolfgang Iser (1979), requer do leitor atividades imaginativas e perceptivas gerando o efeito estético. Atividades imaginativas não quer dizer que cada leitor possa tirar a conclusão que desejar, pois, segundo Iser, a orga-

nização de referências, a estrutura do texto, enquanto instrução, orienta a leitura. Todo texto tem uma intenção comunicativa, foi escrito para ser lido, quanto à recepção Iser alerta: “o leitor contudo, nunca retirará do texto a certeza explícita de que sua compreensão é justa” (ISER. W. 1979 ,p. 87).

Elege-se uma abordagem a partir do leitor, o leitor Darcy Penteado que materializou sua interpretação nas ilustrações e, através da busca da possível trajetória do leitor/ilustrador encontrar as marcas dessa interação texto-leitor-texto (conto-leitor-ilustração). Elege-se, então, a Estética da Recepção e do Efeito - Jauss e Iser - como ênfase teórica e propõe-se trilhar os passos da pesquisa utilizando-se um raciocínio abduutivo (poder-ser que deve ser investigado), perceptivo e analítico, que estarão em rede associativa para produzir informação, ou melhor buscar extrair uma idéia da outra (inferência). A visão que serve como ponto de partida é a de que se deve considerar o objeto contido em contexto complexo, onde a evolução não pode ser determinada. O objeto se situa em rede”, o leitor constrói o significado de acordo com o tipo de comunicação, frequência e associação simbólica que faz. O leitor elege as conexões de acordo com o juízo perceptivo e desenvolve sua capacidade de ampliar a rede quanto mais exercita a leitura e as possibilidades associativas.

O leitor necessita de um conhecimento prévio: mn conhecimento lingüístico para decodificar o texto - verbal e imagético um conhecimento textual que proporciona ao leitor o reconhecimento de uma tipologia textual, um conhecimento de mundo que se configura em seu repertório. É portanto um processo complexo que envolve várias variantes e se realiza entre a percepção do efeito e a cognição.

A própria fala de Darcy Penteado guia e marca a trajetória de indagações e pesquisa que se segue. Os contos e as ilustrações, que compõem o *corpus*, são apresentados em forma de encarte, com o objetivo de facilitar o manuseio e leitura..

O primeiro capítulo, intitulado “Texto e Imagem: Visibilidade e Legibilidade”, tratou das relações texto e imagem: a legibilidade da imagem e a visibilidade do texto. Busca como a questão da preponderância do texto em relação à imagem, e o inverso, tem sido abordada no correr dos tempos e, tratou também da problemática da mimesis modo de representação que aprisionou a arte ocidental da Antiguidade ao século XVIII e que é interpretada de acordo com o olhar de cada tempo. A intertextualidade, a transposição de um sistema de signos a outro sistema, o ato de leitura, e a interação texto-leitor são tratados a fim de elucidar teoricamente e dar sustentação às interpretações, que se apresentam no capítulo a seguir.

O segundo capítulo, intitulado “O Espaço da Leitura: A Intersecção entre Texto-Leitor-Ilustração”, apresentou um exercício de leitura a partir dos indicadores do texto verbal e do visual, no ir e vir da leitura do conto e da imagem e intenta encontrar as relações efetuadas pelo leitor Darcy Penteado evidenciadas na produção da ilustração - a sua

aplicação da leitura do Conto. Inicia, o capítulo, com a leitura da capa da revista Status, texto e imagem que enuncia o conteúdo da revista, convida e seduz o leitor para adentrá-la. Em seguida, a leitura do texto de Sérgio Sanf - Conto(Não Conto), e da ilustração de Penteado, que apropria-se de fragmentos de duas pinturas de Marc Chagall para compor a imagem. A leitura se segue com o conto Elo Partido de Otto Lara Rezende, e da imagem produzida pelo ilustrador utilizando-se de fragmento de obra de Kandinsky. Para o conto Tigrela de Lygia Fagundes Telles, a imagem produzida por Penteado utiliza fragmentos de obras de dois artistas Edouard Manet e Henri Rousseau. O conto Joãozinho da Babilônia, de João Antonio é ilustrado numa colagem de fragmentos de obras de dois artistas: Lucas Cranach e Henri Matisse. O conto Epidólia, de Murilo Rubião, é ilustrado por Penteado com desenho de Leonor Fini. E finalmente, o conto de Ildeu Brandão, O Colecionador de Lágrimas, em cuja ilustração, Darcy Penteado utiliza-se de obra de Paul Klee.

O terceiro capítulo, intitulado *O Conjunto das Ilustrações: Um Projeto Gráfico e Conceitual*, a partir da busca do trajeto de leitura do ilustrador, analisou o olhar antropofágico proposto por Penteado ao trazer à baila, no conjunto de contos brasileiros, fragmentos de obras de mestres da História da Arte Ocidental de vários tempos. Também, ao identificar nas imagens produzidas, em seu conjunto, as permanências, os contrastes, as isotopias, busca-se encontrar respostas para o próprio questionamento de Darcy Penteado no início da revista, ou seja, a resposta, a partir de sua própria produção.

As considerações finais, demonstram, de modo mais sintético, a contribuição da pesquisa sobre as relações texto/imagem através da perspectiva do leitor, da recepção e do efeito, e resgatou o trabalho de ilustração do artista plástico Darcy Penteado, ao demonstrar a qualidade de suas imagens gráficas e aponta para a inovação, que naquele tempo, 1976, essas imagens trouxeram.

BIBLIOGRAFIA

CHARTIER, Roger. **A Aventura do Livro: do leitor ao navegador** - Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

ISER Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário: Perspectivas de uma Antropologia Literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

ISER Wolfgang. *O Ato de Leitura*. São Paulo: 34, 1996.

ISER Wolfgang. *A intenção do texto com o leitor*. In: LIMA, Luiz Costa (org). *A Literatura e o Leitor*. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1979. p 83 - 132.

MANSUR, Gilberto. *Revista Status: 25 Contos Brasileiros*. São Paulo: Editora Três, 1976.

PENTEADO, Darcy. *Revista Status: 25 Contos Brasileiros*. São Paulo: Editora Três, 1976.